

Déficit comercial menor vai aliviar contas externas em 1998

Fátima Laranjeira
de São Paulo

O déficit comercial de 1998 deve ficar bem abaixo do volume registrado este ano, por conta dos recentes ajustes promovidos na economia, e será o maior responsável pela diminuição do déficit em conta corrente do País. A desaceleração da economia diminuirá a pressão por importados, mas ainda assim previsão do mercado é que as importações superem as exportações entre US\$ 4,5 e US\$ 7 bilhões no próximo ano. Em 1997, porém, o impacto será menor, e o déficit deve ficar próximo ao esperado antes das medidas, em torno dos US\$ 9 bilhões.

O ritmo de crescimento das importações, que este ano pode ficar em torno dos 16,5%, cairá para 5% em 1998. Já as exportações devem registrar uma taxa de expansão semelhante, em torno dos 11%. O resultado porém não será suficiente para baixar o déficit em conta corrente para menos de 3,5%, segundo os analistas, que não concordam com a previsão otimista de 2,4% apresentada pelo presidente do Banco Central, Gustavo Franco, na semana passada.

O economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, calcula que as importações atinjam em 1998 US\$ 62 bilhões, num crescimento de 5% sobre este ano, e as exportações cheguem a US\$ 53 bilhões, com uma expansão maior, de 10,2%. "A princípio, as importações caem com o desaquecimento, mas temos que ver como será o processo de abertura da economia, porque ainda há espaço para crescer", avalia.

A expansão das exportações se contrapõe à curva de desaceleração das importações, que este ano devem crescer 17% sobre 1996. O analista do Citibank, Werner Müller Roger, lembra que haverá um ganho na balança comercial por conta do aumento de produtividade da Petrobras, que reduzirá as importações em US\$ 1,3 bilhão. "Ha-

Desaquecimento da economia vai ajudar a balança comercial, mas o resultado negativo no final do ano ainda deve atingir cerca de US\$ 9 bilhões

verá ainda uma economia de cerca de US\$ 500 milhões devido ao menor ritmo da atividade".

O impacto da alta de juros e do ajuste fiscal não deve influenciar fortemente a balança este ano, pois seu resultado já estava pratica-

mente consolidado – até a primeira semana de novembro, o déficit acumulado é de US\$ 7,086 bilhões. "O lado real da economia demora mais a

reagir em relação ao monetário", destaca Ana Cristina Gonçalves da Costa, economista do BCN Alliance, que prevê um déficit em torno dos US\$ 9,5 bilhões este ano, pouco inferior à expectativa anterior.

Em 1998, porém, ela estima que o déficit deva cair para US\$ 7,3 bilhões, contra projeção anterior de US\$ 11 bilhão. "Os investimentos na economia, principalmente em infra-estrutura de

telefonias e elétrica, vão continuar pressionando a balança, embora a importação de componentes, insumos e bens de consumo caia".

O economista e ex-ministro Mailson da Nóbrega também acredita que o déficit comercial fique entre US\$ 6 bilhões e US\$ 8 bilhões. Para ele, a melhoria na balança comercial, aliada a uma maior participação dos investidores internacionais nas privatizações e as medidas fiscais adotadas pelo governo vão permitir em 1998 um financiamento do déficit externo muito mais favorável do que este ano. "A crise acabou sendo favorável porque abriu espaço para o ajuste fiscal e mostrou para o mundo que o País não terá constrangimento em recorrer ao FMI, se for necessário".

Paulo Nogueira Batista Júnior, professor de economia da Universidade de São Paulo (USP), no entanto, avalia que a situação externa não é tão favorável assim. "A diminuição do déficit comercial na verdade

não resolve nosso problema de contas externas, porque assim que a economia voltar a aquecer, a pressão retornará", aponta.

A previsão da melhora na balança comercial no próximo ano levou a LCA Consultores a diminuir a projeção de déficit de conta corrente de US\$ 40 bilhões para US\$ 30 bilhões em 1998, frente aos US\$ 33 bilhões esperados para este ano (4,3% do PIB). "O ganho maior será na balança comercial, aliada a uma pequena melhora na balança de serviços – basicamente viagens e fretes", diz o consultor Bernard Appy. A LCA tem a menor previsão de déficit comercial, de US\$ 4,5 bilhões em 1998, frente aos US\$ 14 bilhões anteriormente estimados. "O desaquecimento da economia pode inclusive provocar um superávit em janeiro e no meses de março e abril, com a entrada da safra agrícola".

Appy afirma que o desaquecimento da economia é um fator de estímulo para as exportações, mas

não é suficiente para garantir as vendas. "Ninguém sabe como fica a demanda externa, devido à crise mundial, e teremos no leste asiático concorrentes fortes para disputar o espaço com o Brasil". Do lado da exportação de manufaturados, que cresceram 8,97% até outubro, ele também não está otimista. "Nossos maiores compradores estão na América Latina e não sabemos ainda como esses mercados vão reagir."

Ivan Lásaro, presidente da TCA Trading, no entanto, acredita que as exportações brasileiras podem ser puxadas pelos manufaturados. "Com o desaquecimento, os empresários já estão procurando ampliar as exportações", explica. Ele espera que seus negócios provenientes de exportações cresçam pelo menos 50% em 1998, frente a uma expansão de 10% apenas nas importações feitas pela sua trading. Na sua opinião, o Brasil precisa se esforçar para ampliar as exportações e tem potencial para isso: "Nos últimos anos só mantivemos os mercados tradicionais, sem buscar novos clientes, e agora precisamos reverter isso de vez".